



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CARINA MASCARENHAS ARAUJO

A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO CONJUGAL PARA O DESENVOLVIMENTO
EMOCIONAL DOS FILHOS

SALVADOR
2021

CARINA MASCRENHAS ARAUJO

**A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO CONJUGAL PARA O DESENVOLVIMENTO
EMOCIONAL DOS FILHOS**

Trabalho de Conclusão do curso de Pós-Graduação em
Relações Familiares e Contextos Sociais da Universidade
Católica do Salvador (UCSAL), como requisito
obrigatório para a obtenção do título de especialista.
Orientador: Dr. Rafael Cerqueira Fornasier

SALVADOR
2021

Dedico essa Monografia em especial a minha família por estarem sempre apoiando e incentivando a minha carreira profissional.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus pelos presentes e encontros diários que ele me proporciona todos os dias; aos meus pais por me apoiarem ao longo desse período de estudo intenso, crescimento pessoal e profissional. Nesse período, muitos professores atravessaram o meu caminho e me ensinaram algo, mas em especial, gostaria de agradecer ao Professor Rafael Fornasier por me orientar nessa construção tão valiosa que é abordar a conjugalidade. Hoje, posso dizer que estudar as relações familiares foi um divisor de águas na minha vida pessoal e profissional.

RESUMO

Este é um trabalho de conclusão do curso de Especialização Lato Sensu em Família: Relações Familiares e Contextos Sociais, cujo o objetivo é analisar a influência da relação conjugal no desenvolvimento emocional dos filhos. Para isso, foi proposto alguns objetivos específicos: a) Mostrar como o abandono afetivo influencia emocionalmente os filhos; b) Listar estratégias positivas para auxiliar os pais na resolução dos conflitos conjugais; c) Identificar como a conjugalidade influencia na aprendizagem emocional dos filhos. O transbordar da conjugalidade para a parentalidade demanda atitudes positivas dos pais para ajudar os filhos diante dos conflitos conjugais, para isso, é importante que o casal vivencie relacionamentos saudáveis e nutridos de amor e respeito. Isso não implica em excluir o conflito da vida de ambos e sim proporcionar consciência de formas positivas de solucioná-los e assim, em consequência, proporcionar nos filhos emoções positivas, pois quando os pais nutrem o relacionamento conjugal de infelicidade reverbera a normatização da infelicidade diante da parentalidade. Metodologicamente foi utilizada a pesquisa bibliográfica, ou a revisão de literatura, buscando relacionar conjugalidade, parentalidade e desenvolvimento emocional.

Palavras-chave: conjugalidade. parentalidade. relacionamento. filhos. emoções.

ABSTRACT

This is a conclusion work for the Lato Senso Specialization Course in Family: Family Relations and Social Contexts, whose objective is to analyze the influence of the marital relationship on the emotional development of the children. For this, some specific objectives were proposed: a) To show how emotional abandonment emotionally influences children; b) List positive strategies to assist parents in resolving marital conflicts; c) Identify how conjugality influences children's emotional learning. Overflowing from conjugality to parenting demands positive attitudes from two parents to shield their children in the face of conflicts, for this it is important that the couple experience healthy relationships and nourished by love and respect. This does not imply in excluding the conflict in their lives, but in providing awareness of positive ways if they are resolved and thus, in consequence, providing positive emotions in the children, because when the parents nurture the marital relationship of unhappiness, the normalization of unhappiness reverberates in the face of parenting. Methodologically, bibliographic research or literature review was used, seeking to relate conjugality, parenting and emotional development.

Keywords: conjugality. parenting. relationship. children. emotions.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. O DIÁLOGO NA RELAÇÃO CONJUGAL NA COMTEMPORANEIDADE	10
3. OS FILHOS E AS EMOÇÕES FRENTE AOS CONFLITOS CONJUGAIS	14
4. PRÁTICAS POSITIVAS DE ENFRENTAMENTO AOS CONFLITOS CONJUGAIS	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22

1 INTRODUÇÃO

Na realidade contemporânea, observa-se o quanto que a família se modificou nos últimos anos e como ela continua se modificando, vivenciando, assim, novos arranjos como o recasamento, uniões homoafetivas, adoção, crianças sendo criadas por avós, mães/pais solteiros. O modelo patriarcal, em que o homem é o chefe da casa e que a mulher tem que ficar em casa cuidando da educação e criação dos filhos, não é mais frequente como antigamente, pois cresceu o número de famílias chefiadas por mulheres no Brasil.

Todas essas mudanças ocorridas no contexto familiar influenciaram na forma de como o casal se comunica e interage. Segundo Singly (1993), ao ressaltar as características individualistas no casal contemporâneo, enfatiza-se a importância da qualidade das relações estabelecidas entre seus membros. Dessa forma, surge a necessidade de comunicar o amor na família e, também, de se conscientizar para o que há em comum nos membros da família, respeitando assim as diferenças. Com o avanço da tecnologia de informação e comunicação, o espaço de diálogo aparenta ter diminuído ou deixando de existir, fazendo com que os vínculos familiares fiquem fragilizados e, quando se fala da relação conjugal, essa fragilidade fica ainda mais exposta. Para uma abertura ao diálogo, elemento fundamental no contexto parental, e para uma relação conjugal saudável, é importante que a comunicação efetiva seja clara e sem julgamento. Diante desse contexto de inúmeras influências contemporâneas, como o diálogo pode auxiliar para que o casal se relacione de forma saudável na contemporaneidade?

Segundo Fêres-Carneiro (1998), no casamento contemporâneo, os ideais do amor romântico tendem a se fragmentar, sobretudo pela pressão da emancipação da mulher e da autonomia feminina. As categorias de “para sempre e único” do amor romântico não prevalecem na conjugalidade contemporânea, sem que isso signifique o abandono do desejo de que uma relação dure no tempo e seja exclusiva devido às intensas transformações pela qual a família na contemporaneidade passa. Observa-se que o casamento está cada vez mais voltado para valores individualistas, evidenciando, assim, conflitos na relação conjugal. Esses conflitos acabam ressoando nos membros da família, principalmente nos filhos, visto que muitas crianças sentem o reflexo da forma de como os pais se relacionam entre si.

Para o desenvolvimento da criança, é necessário levar em consideração o ambiente familiar, o excesso ou a falta de estimulação, a relação entre pais e filhos, a relação conjugal e principalmente o afeto. Isso mostra a amplitude de elementos que influenciam no

desenvolvimento e na formação psicossocial da criança, e muitos pais não têm consciência disso.

As primeiras experiências da criança ocorrem com os pais, pois é a família que dá o nome, o biológico (a genética), um espaço relacional que é movido por sentimentos, ações, comportamentos multifacetados, iniciando assim a formação de sua identidade, visto que o ser humano é biopsicossocial e espiritual. Assim, a forma de como os pais se relacionam é fundamental para o desenvolvimento emocional das crianças. Nesse espaço relacional diante da contemporaneidade e dos conflitos vivenciados na relação conjugal, questiona-se como os pais podem proporcionar emoções positivas nos filhos.

Este estudo se justifica, pois, na atualidade, parece haver uma necessidade de se auxiliar pais, casais que pretendem ter filhos, educadores e toda a comunidade científica, pois, no Brasil, ainda existem poucos estudos abordando a temática do desenvolvimento emocional e conjugalidade, por isso torna-se um tema bastante relevante e contemporâneo. A compreensão de como a relação conjugal pode influenciar no desenvolvimento emocional dos filhos é fundamental na contemporaneidade, pois observa-se novas configurações no contexto familiar já que a família está o tempo todo se modificando junto com os seus membros, que estão em constante interação. Como são pessoas diferentes convivendo, juntas é normal a existência do conflito, já que faz parte das relações humanas, porém ele pode ser vivenciado de forma positiva e construtiva. Dessa forma, questiona-se também como os pais podem gerenciar e solucionar os conflitos para que o mesmo ocorra de forma saudável e positiva.

Os conflitos conjugais, quando não solucionados de forma positiva, podem proporcionar na criança diversas modificações no seu comportamento e na sua interação com o mundo e assim abalar todo o contexto familiar. Esse estudo possui caráter bibliográfico, cuja pesquisa foi realizada, metodologicamente, através da leitura de livros, artigos, revistas eletrônicas. E tem como objetivo geral analisar a influência da relação conjugal no desenvolvimento emocional dos filhos. Tendo por objetivos específicos: a) Mostrar como o abandono afetivo influencia emocionalmente os filhos; b) Listar estratégias positivas para auxiliar os pais na resolução dos conflitos conjugais; c) Identificar como a conjugalidade influencia na aprendizagem emocional dos filhos.

2 O DIÁLOGO NA RELAÇÃO CONJUGAL NA CONTEMPORANEIDADE

Ao longo da história, o casamento passou por diversas transformações e, de acordo, com Ariès (1987), as grandes mudanças no casamento iniciam com a modernidade, impondo aos casais que se amem ou pareçam se amar e que tenham expectativas a respeito do amor e da felicidade no matrimônio.

Ariès (1987) apud Araujo (2002) também afirma que como o amor-paixão não dura, o amor conjugal ligado a ele também não, e assim, o divórcio é colocado como uma possibilidade, não para reparar o erro, mas para dar lugar a um próximo relacionamento e essa é umas das principais características do casamento moderno. Essa também é a principal característica da sociedade contemporânea, onde as pessoas nunca estão satisfeitas com o que têm e temem estar íntimo do parceiro(a), pois a intimidade permeia vínculos mais aprofundados.

Segundo Cardella (2009), a intimidade é uma forma de relação que se configura em morada, um lugar aconchegante e seguro, onde se podem experimentar a confiança e a esperança; onde é possível ser e existir como se é, repousar e silenciar.

As expectativas criadas a respeito do parceiro (a) proporcionam que se coloque o outro em um lugar de perfeição, esquecendo-se de que ninguém é perfeito e, ao conviver juntos diariamente, os defeitos começam a surgir e a serem vistos com outros olhares. Muitos casais têm dificuldades em lidar com os defeitos do outro, dando ênfase à forma de como as pessoas estão se comportando para serem “aceitas”.

Relações são a única forma de mobilização possível para que nos humanizemos e vivamos de acordo com nossa condição humana: relações nos mobilizam, provocam impactos, nos forçam a deixar o porto seguro do já conhecido e, ao mesmo tempo, nos chamam a durar, a desenvolver constância, a permanecer, a desenvolver disciplina, humildade e senso de limites, quando frustrações nos impelem à busca imediata de prazer e satisfação. (CARDELLA, 2009, p. 38)

A forma de se relacionar influencia no casal na forma de vincular-se, onde implica contratos, sair da zona de conforto, onde entrar no mundo do outro demanda permitir-se a aceitação e a frustração. O casal quando se afasta dos desejos, projetos em comum e de sonhar, para vivenciar a individualidade, torna-se mais difícil do casal tomar consciência e assim olhar para o que não está dando certo na relação, observa-se assim na atualidade relações mais vazias e superficiais como fruto do afastamento vivenciado.

Segundo Shillings (2017), a cultura da contemporaneidade coloca-nos diante de ideais de modos de ser que engendram uma busca desenfreada de aceitação por formas padronizadas,

impostas pela mídia. Isso implica também nas escolhas que fazemos ao longo da vida e na forma de como olhamos para o outro, já que esse olhar é influenciado por inúmeros fatores. O ser humano está o tempo todo em busca de aceitação e perfeição e, segundo a autora, é possível que estejamos mais solitários do que nunca diante da exposição da mídia.

O relacionamento conjugal também sofre influência desse contexto atual do modo de relacionar-se, pois o diálogo está sendo provocado a se reorganizar nesses espaços interacionais, tornando-se fundamental para uma relação saudável.

Exercer o amor de forma plena na conjugalidade não significa que nesse espaço de interação e forças não deva existir conflitos, muito pelo contrário, o conflito é importante para que ocorra o amadurecimento de ambas as partes, chegando até mesmo a levar ao exercício do perdão, mas não se pode deixar que ele se torne exclusivo nas relações, ou seja, não aberto a outras possibilidades, impedindo assim a abertura às mudanças. O conflito também abre espaço para que as pessoas externem os seus sentimentos e também para o diálogo, visto que em uma relação dialógica é preciso ter uma abertura para aceitar o outro na forma de como ele é e assim poder caminhar junto.

A questão é o como o casal lida com o conflito, ou seja, se faz do conflito uma força que resulte apenas em brigas, discussões, distanciamento, de não querer o bem do outro; ou como força de união, onde mesmo diante das brigas o casal consiga se reestruturar e dialogar de forma construtiva exercendo o perdão, a aceitação e o querer bem ao outro.

O conflito em um casal pode ser vivenciado de forma saudável ou não, mas seu potencial para o crescimento depende de como o casal se organiza para solucioná-lo diante de demandas internas e externas, no que se refere ao eu e ao nós da relação. A tensão que nasce do conflito proporciona igual oportunidade para potenciais criativos e destrutivos, onde é importante o casal estar consciente de como vivencia essa tensão. O conflito pode ser direcionado de forma competitiva ou cooperativa, ou seja, caminhos que podem auxiliar criativamente o casal por meio da cooperação ou ampliar o distanciamento. Acontece também que muitos casais reprimem, negam ou evitam o conflito e diante desses impasses são convidados pelo parceiro a fazê-lo.

Ferez-Carneiro (1998) afirma que os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles e que, por outro lado, demanda a criação de uma zona comum de interação. É necessário na relação ceder diante das individualidades e ao mesmo tempo abrir espaço para que cada membro exerça a sua individualidade.

Na contemporaneidade, a principal dificuldade do casal é se equilibrar entre a individualidade e o *nós*. São duas pessoas ligadas a famílias, histórias, necessidades e desejos diferentes convivendo juntas e isso tudo fica mais delicado quando nascem os filhos devido à forma de como irão educá-los. Para Alcântara (2013 apud PEDRA, 2016):

Casar-se pode coincidir com o desempenho de novos papéis bem como o fortalecimento de nexos concretos e simbólicos que contribuem para o desenvolvimento da personalidade. A segurança deriva da relação entre cônjuges que vivem um casamento de qualidade tem implicações não só para saúde mental, mas física e à vida profissional de homens e mulheres (p. 313)

Construir um projeto de vida que resulte em um *nós* e simultaneamente no eu, implica em um vínculo que é ético e em uma abertura ao outro que é caracterizada como um movimento de amor (ROMAGNOLI; ALMEIDA, 2019). A vida a dois está imersa a inúmeros dilemas e tem se mostrado um fenômeno complexo e multifacetado. O individualismo da vida moderna permeia essas relações de forma muito intensa e muitos casais não têm consciência disso.

Muitos casais, depois de um longo dia de trabalho, quando retornam às suas residências, não se interessam mais em saber como foi o dia, ou só falam de trabalho, dificultando a abertura ao mundo do outro, ou seja, a abertura ao amor. São relações que estão inteiramente voltadas a valores externos, imersos a uma sociedade extremamente ligada ao prazer, resultando em menos presença na vida do(a) parceiro(a).

Na contemporaneidade, as relações estão voltadas para o exagero de cuidado consigo mesmo, questões de autoimagem e a um desejo de crescimento voltado para a independência, proporcionando, assim, uma fuga da intimidade do outro e externando um certo medo de abrir-se ao mundo do outro, ou seja, o desnudar-se.

A atualidade parece extrair do amor apenas a parte que “interessa”, reduzindo a experiência amorosa em erotismo, prazer, imediatismo e utilitarismo, como uma espécie de fragmentação de seu propósito que incide na possibilidade de vidas compartilhadas. Nesse contexto, a vivência do reconhecimento, reciprocidade, cuidado e responsabilidade com o outro é facilmente descartada, de modo que a conjugalidade se torna cada vez mais impraticável ou difícil de ser construída. (ALMEIDA; ROMAGNOLI, 2019, p. 02)

O ser humano, na contemporaneidade, está muito mais preocupado com o que acontece consigo mesmo do que ao seu redor e esse sentimento é refletido na conjugalidade, onde valores considerados importantes para uma experiência conjugal saudável são descartados. Atualmente as pessoas estão cada vez mais adiando a vida a dois devido a essas dificuldades e pressões do mundo capitalista no qual vivemos.

Dessa forma, percebe-se o quanto que o padrão de consumismo inserido na sociedade interfere nas configurações familiares, relações baseadas no ter ao invés do ser e em que o outro é constituído como um objeto na relação.

As relações entre pais e filhos também se modificou, deixando de ser voltadas exclusivamente para a autoridade e disciplina, incorporando comportamentos novos de diálogo, negociação e tolerância. Mas com o avanço das tecnologias de informação e de comunicação, essas relações às vezes se tornam rígidas, pois verifica-se que não existe mais espaço para exercer o amor em sua totalidade.

Dentro do campo familiar é importante que as relações sejam norteadas por meio do amor, do perdão, do diálogo (como dito anteriormente), no afeto, compreensão, respeito e entrega, isso é exercer o amor de forma plena, pois tudo está interligado e cada um tem a sua forma de ser e estar no mundo, pois todos nós fazemos parte dele.

O homem é um ser relacional e precisa do outro para confirmar a sua existência, por isso a família é um espaço social de relação tão importante para o mesmo. Para que esse espaço interacional seja movido por forças que resultem na construção de relações saudáveis, é necessário que exista a doação e entrega aos membros que compõem esse campo.

Para Romagnoli e Almeida (2019), a vida conjugal é um espaço intersubjetivo marcado por ligações profundas, que exige abertura e reciprocidade como atos que orientam o casal para a responsabilidade mútua e cuidado com a vida do outro.

Surge, assim, a necessidade de querer bem ao outro, envolvendo amor, reciprocidade e aceitação, onde o amor pode sobreviver mesmo inerente a toda as mudanças existentes no campo familiar. É através dessa “bagunça” que abre-se espaço para o perdão e de interesse pela vida do outro. Donati (2011) apud Fornasier (2016) afirma que deixar o mito do amor romântico permitiu a manifestação de todas as outras formas possíveis de amor, entre elas, a ágape, a filia, relacional, a erótica. Mas é importante a compreensão de que a família, ao mesmo tempo que acolhe, ela também pode ser reflexo de brigas, confusões e distanciamento, pois a família não é espaço exclusivo de perfeição.

A abertura ao diálogo é importante para todas as relações humanas e principalmente quando se trata da relação conjugal devido às diferenças e semelhanças de pessoas convivendo juntas. De acordo com BUBER (2001) e HYCNER (1995), as relações eu-tu e eu-isso fazem parte das relações humanas e se alternam constantemente, como uma dança, pois os dois se complementam. Essa alternância vai se adaptando com a forma de como a relação está sendo construída e não se pode relacionar o tempo todo no eu-tu e nem no eu-isso.

Do lado da relação EU-TU, a pessoa deixa-se impactar e ao mesmo tempo é impactada pelo outro e essa presença é marcada por um campo de forças e vitalidade, ocorrendo um encontro. Do lado da relação EU-ISSO, a experiência ocorre de forma objetiva e distanciada. É um modo de vida que exige um mínimo de riscos emocionais e emocionalmente pouco compensador.

Focalizando-se na relação EU-TU, o “entre” dois expande a nossa consciência e o sentido de nosso lugar no universo. Atualmente as pessoas parecem viver como se estivessem perdendo a “humanidade”, como se estivessem desconectados da presença na relação com o outro, sem se deixar sentir e entrar genuinamente nas relações. A relação EU-TU expande a consciência para a forma mais profunda do ser. As pessoas na sociedade contemporânea se relacionam de forma muito materialista, onde o outro é colocado como um objeto na relação e tem que estar sempre à disposição.

Cada ser humano é singular e tem a sua forma de ser e estar no mundo, com suas fraquezas, possibilidades e potencialidades. Na conjugalidade, é viável que o casal alterne a atitude relacional entre o eu-tu e eu-isso, onde é importante enxergar o mundo do outro, e estar presente na vida do(a) parceiro(a) e ao mesmo tempo se distanciar, voltando-se para si, possibilitando, assim, a experiência de amar e ser amado na sua forma mais autêntica e pura.

Estar genuinamente aberto ao diálogo também é exercer a espiritualidade, entrar em contato com uma forma maior de perceber o outro, de se perceber e perceber-se em relação com o mundo. Compreender que tudo muda e segue seu caminho e que sempre muda para melhor, mesmo que no momento não possamos entender, tudo segue um fluxo e por isso somos movimento e isso é abertura, aceitação e confiança.

A qualidade na relação conjugal funciona também como fator de proteção da família, pois quando se estabelece relações saudáveis e abertas ao diálogo pode-se proporcionar o movimento de união e interação não só para o casal, mas também para os filhos, que crescem inseridos a relações construídas de formas positivas e construtivas.

O homem moderno muitas vezes encontra-se “perdido” diante de suas escolhas e atitudes, frente a grande quantidade de estímulos que recebe no dia a dia e isso acaba fragmentando as relações.

O homem moderno vive num estado de baixo grau de vitalidade. Embora, em geral, não sofra profundamente, pouco sabe, no entanto, da verdadeira vida criativa. Ao contrário, sua vida tornou-se a de um autômato ansioso. Seu mundo lhe oferece amplas oportunidades de enriquecimento e diversão e ele ainda vagueia sem objetivo, não sabendo o que quer e, por isso, completamente incapacitado de imaginar como alcançá-lo. (PERLS, 2012, p.11)

3 OS FILHOS E AS EMOÇÕES FRENTE AOS CONFLITOS CONJUGAIS

Na família, todos os membros estão interligados e para Mosnann, Zordan e Wagner (2011) apud Pedra (2016), a saúde mental das crianças está associada ao bem-estar dos pais e à qualidade do relacionamento entre ambos. No cenário contemporâneo, as pressões externas da sociedade e auto cobranças refletidas no casal podem influenciar na parentalidade, por isso a saúde mental dos filhos também pode sofrer influências da conjugalidade. Estudos sobre o funcionamento das relações familiares trazem a perspectiva segundo a qual a qualidade da relação parental e os conflitos no ambiente familiar são fatores associados à etiologia de distúrbios emocionais na criança e no adolescente. Pode-se perceber também o quanto que os conflitos conjugais repercutem na relação parental, e assim influenciar no desenvolvimento emocional dos filhos.

De acordo com El-Sheikh e Harger (2001 apud BENETTI, 2006), determinados padrões de interação conjugal, principalmente aqueles associados a maior adversidade e violência, foram relacionados a distúrbios no desenvolvimento emocional, cognitivo e social na criança e adolescente.

Quando se trata de conflitos conjugais e desenvolvimento emocional dos filhos é importante considerar como essas relações estão sendo estabelecidas, a forma de como os pais foram educados, como esses conflitos estão sendo solucionados e levar em consideração a sua intensidade. Para Aguiar (2014), não importa tanto quem são as pessoas, mas como elas se relacionam entre si e com a criança, e o que essa criança precisa realizar no sentido de obter satisfação para suas necessidades dentro desse contexto.

Quanto mais íntima a relação, maior a magnitude das transformações operadas nas pessoas envolvidas e em toda a comunidade que as rodeia. A vida de um casal afeta não só a ele mesmo, mas a todos os que estão ao redor. Filhos, amigos familiares, vizinhos, colgas, até atingir toda uma rede que é a comunidade onde nos inserimos. (CARDELLA, 2009, p. 41)

É importante criar um ambiente familiar voltado para a prevenção e geração de fatores de proteção psíquica. Bebês felizes desenvolvem circuitos neurais que os ajudarão a ter emoções positivas. A carência emocional, gerada pela negligência, pode afetar o desenvolvimento e a plasticidade do cérebro (RODRIGUES, 2015). O ambiente familiar estressante pode ocasionar nas crianças carência emocional, visto que os pais acabam gastando toda a energia frente aos conflitos, podendo assim, gerar negligência nos cuidados parentais em relação às reais necessidades da criança.

Quando se trata do gerenciamento das emoções, as crianças, ao presenciarem os conflitos conjugais, podem se sentir com medo, culpadas, ignoradas, tristes, com raiva e etc. Assim a educação emocional pode auxiliar os pais nesse processo de aprendizagem dos filhos. A criança precisa saber que é normal sentir raiva, pois a raiva é uma emoção básica, presente em todos os seres humanos. Mas é importante ensinar a criança a fim de que possa ter conhecimento das consequências e limites existentes ao experimentar essa emoção. E também surge a necessidade de auxiliar as crianças a validarem essas emoções diante dos comportamentos e atitudes ocorridas na relação entre pais e filhos.

Segundo Hameister; Barbosa e Wagner (2015), famílias que vivenciam o sentimento de estresse apresentam dificuldade em ensinar as crianças a reconhecerem e gerenciarem suas próprias emoções. Os filhos quando vivenciam a agressividade, hostilidade, dificuldade na comunicação e outros tipos de violência na relação conjugal sentem dificuldade em desenvolver estratégias de regulação emocional.

A família ao mesmo tempo que acolhe e protege também pode ser um lugar de desamparo e solidão quando não funciona de forma saudável. Os pais, quando aprendem a gerenciar os conflitos existentes no dia a dia de todo casal, auxiliam também os filhos para que se sintam mais confiantes e protegidos. Nessa relação nutritiva, abre-se espaço para a aceitação e diferenciação de cada membro.

Na contemporaneidade, observa-se pais em busca de sucesso e reconhecimento em que o status é o que direciona suas ações. O nascimento de um filho pode representar por um lado um impedimento para o crescimento dos pais, pois muitos trabalham em excesso, sofrem pressões da sociedade, do mercado de trabalho e internas também. Porém, por outro lado, o nascimento de um filho pode representar a realização de um sonho em constituir família e o desejo em tornar-se pai/mãe. Todas essas inquietações e ambiguidades modificam a estrutura familiar no seu todo. Independentemente dos sentimentos e mudanças ocasionados pelo nascimento de um filho, a construção de relações familiares saudáveis é o que faz a diferença no mundo moderno, onde as pessoas aparentam estar cada vez mais voltadas para os valores individualistas.

Dessa forma, demonstra-se o quanto que a sociedade contemporânea está presa a rótulos e isso reverbera também no casal, pois muitos não sabem como expressar as emoções e sentimentos e utilizá-las a seu favor para tornar a relação mais saudável e construtiva, pois os sentimentos auxiliam no processo evolutivo da humanidade e, assim, passar a separar os

sentimentos como construtivos ou destrutivos torna-se fundamental para constituir-se socialmente.

Diante desse contexto, Lobb (2013 apud POPPA, 2018) afirma que a energia associada à necessidade, quando não contida, permanece retida no organismo e passa a ser vivenciada como ansiedade. O nosso organismo está o tempo todo se autorregulando na medida em que nossas necessidades surgem e são atendidas, atingindo assim um equilíbrio até que surja uma nova necessidade. Mas quando essas necessidades não são atendidas, com o tempo o corpo da criança pode evitar o contato com essa sensação e surgem os sintomas.

No contexto familiar, como todos estão em relação, os pais, devido a situações estressoras vivenciadas nesse contexto contemporâneo, podem também passar a não olhar para as reais necessidades dos filhos e assim evidenciar um desequilíbrio em seu organismo, no qual a criança para se autorregular pode ajustar-se de forma funcional/disfuncional, formas que o indivíduo se relaciona com o mundo para regular-se.

O casal, ao vivenciar um relacionamento satisfatório, suscitam a possibilidade de os filhos também gozarem de melhores níveis de saúde mental. Enquanto que relacionamentos conjugais com conflitos intensos, frequentes e preponderantes produzem efeitos deletérios para as crianças. (MOSNANN; ZORDAN; WAGNER, 2011 apud PEDRA, 2016)

Então, existem influências no campo familiar que podem ser positivas ou negativas e a forma de como os pais se relacionam pode reverberar na forma de como o casal exerce a parentalidade e constroem a relação com os filhos. Não existem relacionamentos sem conflitos, mesmo quando o não dito é mais evidente na relação, porém aquilo que não é externalizado através de palavras pode ressoar através de gestos e atitudes que distanciam os membros da família.

Quando o casal tem filhos, a paternidade geralmente absorve toda energia, restando muito pouco para o relacionamento, dessa forma, se o relacionamento do casal ocupar o primeiro lugar, torna-se mais fácil para ambos vivenciarem o transbordar da conjugalidade para a parentalidade, principalmente quando os filhos vivenciam o amor na relação dos pais, em consequência, sentem-se felizes, pois é passado a importância de vivenciar o amor nas relações.

4 AS PRÁTICAS POSITIVAS DE ENFRENTAMENTO DOS CONFLITOS CONJUGAIS

Devido às intensas transformações pelas quais a família contemporânea passa, observa-se que o casamento contemporâneo está cada vez mais voltado para valores individualistas, evidenciando assim conflitos na relação conjugal. Esses conflitos acabam ressoando nos membros da família, visto que muitas crianças sentem o reflexo da relação conjugal vivenciada pelos pais.

Para LINO (2009), as modificações ocorridas ao longo do tempo possibilitaram o desencadeamento, na contemporaneidade, de novos tipos de relacionamentos muito mais efêmeros, frágeis e superficiais e isso potencializa os conflitos não só no casal, mas também em toda a família.

Os conflitos no casal podem ocorrer de forma construtiva e destrutiva, tudo vai depender de como o casal solucionará os problemas, se será através de práticas positivas como (afeto, comunicação, apoio, presença, acolhimento) ou de práticas negativas (raiva, hostilidade, indiferença e violência).

Nesse contexto relacional, os pais são considerados fatores de proteção para o desenvolvimento dos filhos e cabe a eles ensinar vivências emocionais positivas, apoio, confiança, carinho, e isso pode ocorrer através da abertura ao diálogo (diálogo entre os cônjuges e com os filhos) para a saúde da família.

Pais carinhosos deixam de sê-lo quando os seus filhos atingem a puberdade por acreditarem que, agindo dessa forma, estarão criando indivíduos “frescos”. Além disso, o meio social mostra que o medo é característica de um predador, a tristeza indica fragilidade e a raiva sugere uma pessoa difícil. E assim instalam rótulos que nos distanciam ainda mais da proximidade tão necessária para aprendermos a converter as emoções em uma fonte impulsionadora de transformação. (RODRIGUES, 2015, p. 119)

Existem muitos preconceitos em relação à forma de expressar o amor na família, e principalmente quando se trata da educação dos filhos. Muitos acreditam que, na prática, o excesso de amor, entendido como afeto, carinho, pode proporcionar fraquezas ao longo do desenvolvimento, porém a falta desse sentimento na família pode ocasionar lacunas muito maiores no desenvolvimento dos filhos e também na conjugalidade, pois o verdadeiro amor não pode ser expressado a partir de palavras apenas, mas também em forma de atitudes voltadas para o crescimento da família, que, por ser um campo de interações, quando um ou mais membros não estão em um funcionamento saudável, acaba refletindo nos outros membros da família. Para tornar essas práticas possíveis, o diálogo passa a ser fundamental nesse campo.

Para um diálogo genuíno é necessário autenticidade, olhar para o outro como único e singular, em uma atitude de contemplação, e que nenhum dos parceiros queira se impor ao outro

de forma autoritária e rígida. Sabe-se o quanto que esse movimento é difícil na relação a dois, considerando as influências do campo, mas existem formas mais construtivas de se manifestar sem ocasionar o distanciamento do parceiro(a).

Para que a vida como “nós” seja favorável ao casal é necessária uma constante autoavaliação, negociação e desenvolvimento de uma ética que permita ao outro abrir-se às experiências que o conduzam a ser si mesmo. Quando o espaço conjugal no qual o sujeito se encontra oferece condições para ser si mesmo e desenvolver-se nessa direção, expressa a forma mais alta de comunidade, conforme as reflexões steinianas, pois nele pode cada um se posicionar livremente e ser valorizado como pessoa única e insubstituível. (ALMEIDA; ROMAGNOLI, 2019).

Cabe ainda destacar alguns aspectos que parecem ser os mais relevantes para um projeto de vida compartilhado: a liberdade na escolha do parceiro, manutenção da relação baseada na presença do amor, a atração sexual, respeito à individualidade, liberdade e autonomia e o compromisso de exclusividade ou fidelidade (ALMEIDA; ROMAGNOLI, 2019).

Precisamos encontrar o outro pela necessidade de estar junto, e não pelas aparências e pela exposição; não pela atração e pela rejeição, mas pelo encantamento do coexistir. E, por meio da assimilação daquilo que nos é saudável, poderemos compor o mosaico de formas que contemplem a nossa singularidade na generalidade do mundo. (SCHILLINGS, 2017, p. 96).

A partir do momento que os pais vivenciam a conjugalidade de forma destrutiva, devido ao transbordamento da conjugalidade para parentalidade, esses pais passam a ensinar aos filhos que é normal ser infeliz, assim normatizar e ensinar formas disfuncionais de ser e estar no mundo diante de conflitos e/ou situações de stress.

Diante da parentalidade é importante que os pais se conscientizem do quanto que as suas relações podem influenciar no comportamento dos filhos, seja de forma positiva ou negativa, e dessa forma é importante que as crianças sejam ajudadas a saber lidar com as tormentas que um casamento pode proporcionar ao casal.

Segundo Rodrigues (2015), fatores de proteção constituem tudo aquilo que protege o indivíduo de problemas posteriores. A forma de como os pais se relacionam funciona como um fator de proteção para os filhos, pois evita com que as crianças presenciem situações de conflitos aas quais podem ser repetidas quando se tornarem pais no futuro. Aprender sobre a comunicação efetiva contribui para a construção de bem-estar e diminui significativamente colapsos passivos, as explosões de raiva, o ressentimento a ansiedade e a violência nas relações interpessoais.

A forma de como os pais se comunicam pode exercer influências positivas ou negativas na vida dos filhos, dependendo dos mecanismos utilizados pelos genitores perante a comunicação.

A escuta ativa auxilia em diminuir as defesas pessoais, pois é importante aprender a ouvir e exercer uma escuta presente e livre de julgamentos. Diante dos conflitos vivenciados pelos pais exercer a assertividade também funciona de forma positiva como mecanismo de suporte aos pais e a família, pois é uma maneira de se posicionar respeitando os seus direitos sem desprezar o direito do outro.

Para Rodrigues (2015), a comunicação mais destrutiva em qualquer relação é a passiva e destrutiva, pois desperta no outro o desamparo aprendido. O desamparo aprendido proporciona no companheiro(a) a sensação de invisibilidade, e esse comportamento no casal pode ocasionar um distanciamento e a ruptura do espaço do nós na relação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família passou por muitas mudanças nos últimos anos, as quais se refletem de forma construtiva ou destrutiva em seus membros. O que vai determinar é como as relações serão construídas.

Nem todos os indivíduos que compõem as famílias desenvolveram em suas vidas exclusivamente a abertura e posturas necessárias para o ambiente do nós e do si mesmo, pois cada ser é único e cada um tem a sua forma de ser e estar no mundo. Para que a convivência a dois seja construída de forma saudável, é necessário a aceitação do(a) parceiro (a) em sua forma mais sublime e autêntica de ser, pois ninguém é perfeito.

Desconstruir ideais de perfeição impostos pela sociedade na qual vivemos é fundamental para abrir-se ao outro e em consequência abrir-se para o amor. O casamento deve ser construído como uma dança a dois, onde não é um só que conduz, os dois devem conduzir juntos e um precisa do outro. Às vezes pode ser necessário deixar que o(a) parceiro(a) conduza, mas isso não é sinônimo de fraqueza, muito pelo contrário, é sinal de confiança no cônjuge.

A conjugalidade também não pode ser tomada apenas como lugar no qual se expressa o sentido atribuído ao vivido na família de origem, mas que trabalhe reconfigurando as vivências passadas, dando novos significados a experiências passadas e possibilitando igualmente que os parceiros possam recriar sua maneira de ser individual e de ser casal. Todos os relacionamentos têm conflitos, e, muitas vezes, quando problemas emocionais vivenciados pelos filhos são

reflexo dos conflitos mal resolvidos gerados na conjugalidade, os pais podem ir em busca de orientação.

Nessas situações conflituosas é necessário separar a conjugalidade da parentalidade, visto que o vínculo parental é indissolúvel, ao contrário do conjugal. Muitas crianças, devido às dificuldades de os pais não saberem separar os dois tipos de vinculação, se sentem com raiva, medo, angustiadas, podendo se comportar de forma agressiva e também podem desenvolver problemas de aprendizagem. Buscar uma orientação/ atendimento com um profissional especializado em meio a esse caos pode ser fundamental para o equilíbrio de todos os membros da família e assim alcançarem a homeostase.

Para que os filhos se sintam seguros, é importante que os pais transmitam amor, escutem seus anseios de forma assertiva e estejam presentes na relação, mesmo diante de situações estressoras, dando evidência do quanto a qualidade conjugal funciona como fator de proteção para a família.

É necessário estar aberto para enxergar a luz mesmo diante das sombras que pode se tornar o ambiente familiar quando os conflitos são mal solucionados. Quando os filhos nascem, ocorrem muitas mudanças nesse sistema, trazendo a necessidade de exercer a fluidez entre a individualidade e o nós.

Porém, nem todos desenvolveram capacidade para essa abertura ao longo de sua vida, exigindo do cônjuge atitudes voltadas para o amor e respeito, pois a pessoa humana não é determinada de modo absoluto, existe também o elemento espiritual, exigindo também movimentos voltados para perceber o outro em sua essência, proporcionando assim possibilidades novas de existência.

Poder contar com uma rede de apoio também é fundamental para auxiliar o casal diante dessas dificuldades. Essa rede de apoio pode ser composta por outros membros da família e amigos e assim a criança adquire capacidade para se situar diante dos conflitos conjugais, em que a parentalidade só será bem exercida se a conjugalidade estiver clara, e o casal, quando disposto a acordos, cria-se um componente de fortalecimento na relação e assim é imprescindível olhar para estratégias positivas de resolução dos conflitos conjugais para a aprendizagem emocional dos filhos. Porém surge a necessidade de mais estudos nacionais envolvendo a temática para aprofundar quais sentimentos gerados no transbordamento de uma conjugalidade conflituosa para a parentalidade, e seus impactos na saúde emocional dos filhos.

Dessa forma, conclui-se que é preciso olhar para a conjugalidade como algo processual, em que ela vai sendo co-construída na relação, passo a passo. Onde não se pode pular etapas. Aos poucos o casal vai se reinventando e descobrindo a melhor forma de lidar com os conflitos. É preciso criar a consciência de que as pessoas não são perfeitas. Todos são passíveis de erro, pois errar é uma característica do humano, mas a questão é o como o casal lida com o erro. Assim, não se pode falar de amor sem exercer o respeito às diferenças, pois cada membro da família é único e quando todos se respeitam, torna-se mais fácil a abertura ao diálogo e ao exercício do amor.

O respeito às diferenças e a abertura ao diálogo potencializam no casal forças que o auxiliam a lidar com as tempestades da vida e, em consequência, o auxiliam no contato com os filhos, ajudando assim em toda a dinâmica familiar, visto que os membros da família estão em constante interação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E.; ROMAGNOLI, R; Conjugalidade: Uma leitura a partir da noção de comunidade de Edith Stein. **Rev. Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 2019, v.35. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010237722019000100529&script=sci_arttext&tlng=pt
Acesso em: 10 de março de 2020
- AGUIAR, L. **Gestalt-Terapia com crianças**. São Paulo, Ed. Smummus, 2015.
- ARAUJO, M. F. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Rev. Psicologia, Ciência e Profissão*, 2002, vol.22, Brasília
Disponível em: [Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações \(scielo.br\)](#)
Acesso em: 01 de Agosto de 2020
- BENETTI, S.P.C. Conflito conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. **Rev. Psicologia: Reflexão Crítica**, 2006, v.19, Porto Alegre 2006.
Disponível em: [Marital conflict: impact on the psychological development of children and adolescents \(scielo.br\)](#) Acesso em: 25 de Setembro de 2020
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990, Brasília Câmara do Deputados. Acesso em: 30 de Março de 2020.
Disponível em:
http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolesc_nte_9ed.pdf

- BUBER, M. **Eu e tu** (8a. ed.). São Paulo: Centauro. (Originalmente publicado em 1923), 2001.
- CARDELLA, B.H. P. **Laços e nós: amor e intimidades nas relações humanas**. São Paulo, Ed. Ágora, 2009.
- DESLANDES, S.F., GOMES, R., MINAYO, M. C. S. (Orgs). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 33. Ed, Petrópolis, RJ: Vozes,2013.
- DONATI, P. **La família como raíz de la sociedad**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2013.
- FRAZÃO, L. M. (Org.) **Questões do humano na contemporaneidade: olhares gestálticos**. São Paulo, Ed. Summus, 2017.
- FORNASIER, R.C. Amor e vínculo conjugal. In: MOREIRA, L. V. C. (Org.). **Relações familiares**. Curitiba: CRV, 2016, p. 89-109
- HAMMEISTER, B.; BARBOSA, P.; WAGNER, A. Conjugalidade e Parentalidade: uma revisão sistemática do efeito spillover. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; 2015,vol. 67 n.2, pp. 140-155, Rio de Janeiro. Disponível em: [Conjugalidade e parentalidade: uma revisão sistemática do efeito spillover \(bvsalud.org\)](http://bvsalud.org)
- Acesso em: 20 Setembro 2020
- HYCNER, R. **De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica**. São Paulo, Ed. Summus, 1995.
- PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 10. ed. Porto Alegre: AMGH, 2010
- PEDRA, M. U. K. **Envolvimento paterno no contexto do divórcio: estudo de casos múltiplos**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade UCSAL, Salvador, 2016.
- PERLS, L. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- POPPA, C. **O Suporte para o contato: Gestalt e infância**. São Paulo, Ed. Summus, 2018
- RODRIGUES, M. **Educação Emocional positiva: saber lidar com as emoções é uma importante lição**. Novo Hamburgo, Sinopsy, 2015.